

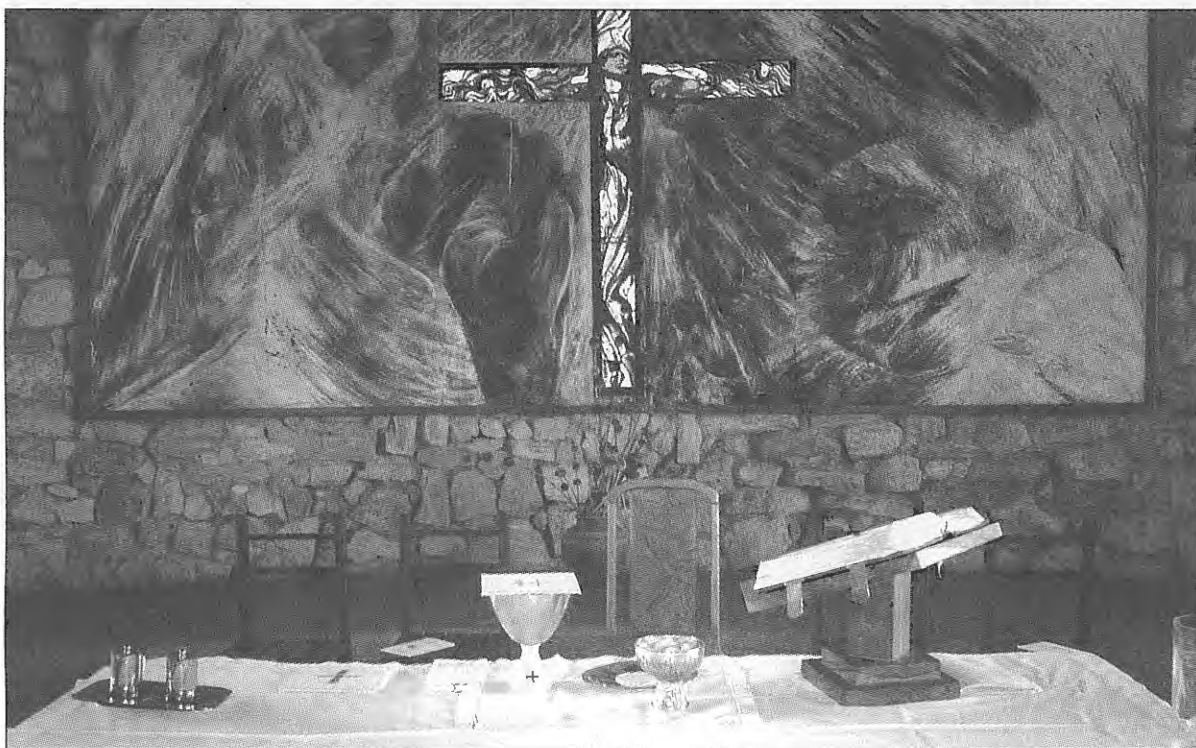


PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL.

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 OE 129495 RCN 17 de Fevereiro de 2007 • Ano LXIII • N.º 1642 Preço: € 0,33 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@oi.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Moçambique — «(...) A nossa Capela. A Missa dominical. O ensino da doutrina Cristã. A prática das orações quotidianas...»

Admiração

AINDA chegámos a tempo de admirar a corrente humana que é o correio desta Casa do Gaiato... embora o Natal já lá vá! São «montes» de envelopes, de cartões; milhares de mensagens lindas, todas obedecendo ao mesmo mote e à mesma rima, certinhas, apaixonadas, como esta: «Querida dizer-vos muitas coisas bonitas, dizer-vos quanto vos admiro... Mas apenas consigo dizer MUITO OBRIGADA por existirem!»

Assim mesmo! Tal como o murmúrio da cascata em plena montanha...

A nossa existência, esse «estar aí», assim compreendido, não é fatalidade do destino nem fruto dos desmandos dos homens, nem sequer é resposta à desgraça dos tempos que correm, ainda que sábia e experimentada no «cadinho» do sofrimento humano.

Somos um Dom, uma experiência de gratuidade que nos ultrapassa, como magnificamente o reconhece a mensagem já citada: «Obrigada por existirem».

Que ou quem reconhece a nossa amável Leitora ao dirigir-se assim à Obra da Rua? O único Espírito ou fundamento sobre o qual ela assenta: — o Espírito de Deus.

E ainda que existíssemos apenas como resposta às interpelações sociais do nosso tempo, mormente à criança abandonada, sem família capaz, ao doente ou ao Pobre desvalido, o nosso «estar aí» seria já, por si, de mérito reconhecido!...

Mas, como reconhece Pai Américo a este propósito: «O Padre Américo não faz coisa nenhuma, o Padre Américo é um manietado como todos vós; vai, impelido, impelido. Cumpre o mandado. Nós somos mandados. É Deus que escolhe a hora, que escolhe o lugar; que dá o toque, que dá a acção, que dá o pensamento, que ajuda a realizar, e que termina a realização. É preciso que se compreendam estas verdades eternas, para não atribuir as obras a pessoas que não são os autores. Nós somos, apenas, os executores. É preciso pôr Deus no Seu lugar».

É aqui que devemos encontrar a razão deste «obrigada por existirem!». Em Deus mesmo, na revelação do Seu amor.

O mundo diria, na compreensão epidérmica ou tecnicista sobre as causas dos males presentes e as solu-

ções que é preciso empreender, que precisamos de adequação ao tempo e à matéria como factores determinantes de eficácia e êxito do acto educativo. Nós dizemos com Pai Américo — e nisto a coincidência é total — «é preciso pôr Deus no Seu lugar».

A nossa Leitora, atenta, reconhece na existência da Obra da Rua um Dom e uma Graça do Alto. Situa-se num horizonte crítico no qual se reconhece que a eficácia do acto educativo e a superação dos males que nos rodeiam, não são fruto, apenas, das técnicas aplicadas ou dos investimentos humanos bem calculados. Se assim fosse, já há muito que a miséria teria sido debelada. Há um «mais» que se traduz nesse «estar aí», feito de dom e entrega de si próprio, que vem do Alto e que muito bem é reconhecido pela nossa Leitora, e que, de resto, bem resume as belas mensagens que nos chegaram neste Natal.

Padre João

Uma Boa Notícia

«**E**U encontrei-me envolvido na pobreza, não como um político ou investigador científico, mas porque a pobreza me cercava e eu não podia fugir-lhe.»

Foi a partir da emoção provocada por este encontro que o Doutor Yunus decidiu fazer uma viragem de 180º na sua carreira de Economista. Mas impressiona o facto de não ser o emocional a ténpera do seu discurso, sempre racional, sereno, como é próprio de um homem de Ciência. O que não quer dizer que seja frio — nem podia sê-lo!, já que, ao investigar, ao tentar caminhos novos, ele tem os olhos sempre postos em pessoas despojadas dos seus direitos fundamentais. Restituir-lhos — eis um dever básico da solidariedade humana. E desde então é esse o objectivo de todas as suas iniciativas. Que são muitas, pois uma criatividade bem viva é fonte aberta e permanece instrumento importantíssimo em todos os seus trabalhos: Promoção da escolaridade a todos os níveis, Programas para Mendigos, uma Empresa de comunicação telefónica... e, principalmente, uma profunda reflexão sobre um novo Mercado Livre, possível com uma outra alma que não tem sido a dos Empreendedores na área da Economia.

«Eu sou a favor do fortalecimento da liberdade do mercado» — afirma o Doutor Yunus. «Mas sinto-me infeliz pelos conceitos que imprimem restrições aos que entram no mercado — a ideia de que os empreendedores são seres humanos de uma só dimensão, dedicados a uma única missão nas suas vidas de negócio: maximizar os lucros»; esquecendo que «o capitalismo assim entendido o isola de todas as outras dimensões das suas vidas e os empobrece de valores verdadeiramente essenciais da vida humana». Isola-os de si mesmos e de muitos outros «cujas diversas capacidades e imensas qualidades não são aproveitadas nem desenvolvidas».

«Para abrir caminhos largos que levem à resolução dos problemas do mundo (...)» é necessário «mudar radicalmente o carácter do capitalismo». Não basta uma única fonte de motivação, como até agora; têm de ser duas, separadas mas em simultâneo: o lucro; e «ir fazendo bem ao povo e ao mundo». Tal supõe duas espécies de empreendimento: o tradicional, em busca do melhor proveito para a Empresa; e um segundo, virado para o povo e para o mundo, a que o Doutor Yunus chama «Empresa Social». Esta será autónoma e com regras próprias derivadas da renúncia fundamental dos investidores — renúncia a qualquer dividendo, que todos serão para distribuir e aplicar em proveito social; mantendo, embora, os investidores o seu direito de levantar o que investiram.

A «Empresa Social» é, pois, uma companhia de não-dividendos, mas também de não-prejuízo, administrada racionalmente em linha de procura do melhor rendimento, porém, todo ele para aumentar o seu potencial de respostas sociais.

Continua na página 3

Benguela

O poder da miséria foi abalado

ESTOU sentado, a tentar pôr no papel os pedaços da nossa vida que vão matar a fome do vosso coração. Batem à porta, a cada instante. Agora, foi a mãe com dois filhos pelas mãos e mais um às costas, a pedir para serem recebidos no Infantário. Sinto grande alegria em poder dar a mão, a tempo e horas, a estas plantas humanas, acabadas de nascer. Douro modo, definhariam e acabariam por morrer. O acompanhamento, desde a raiz, é o segredo do crescimento equilibrado e saudável. Quem dera fosse possível ir cada vez mais além! Vamos até ao limite das nossas forças. Tentamos combater o mal na própria raiz da planta.

Um passo importante na promoção humana é o estender a mão ao mais fraco e encontrar resposta. É o sinal de que o poder da miséria foi abalado dentro da pessoa e as correntes começam a ceder diante da força libertadora. Sou testemunha do espectáculo admirável da construção de casas melhoradas, de material definitivo, com as divisões necessárias para uma vida digna normal, em qualquer parte do mundo. Estou contente, por um lado. Acontece, porém, que a maioria dessas habitações não são da gente do próprio bairro, que continua a viver em condi-

ções indignas. Tenho esperança, contudo, de que a nova forma de construir vai animar a comunidade local na subida para uma vida melhor. Quem me dera poder ajudar mais!

A este propósito, dezenas de filhos criados nesta nossa Casa do Gaiato, entusiasmados com a ideia duma casa digna, marcados, ao longo do seu crescimento, por um estilo de vida mais elevado, estão empenhados na aquisição de terreno para a construção do seu lar definitivo. Em colaboração com as autoridades locais, vão-se desenhando pequenos e simples planos de urbanização, onde ficarão enquadradas as novas construções. O pensamento da casa nova leva-os a uma autêntica mudança na sua vida, com a preocupação de poupar o que, tantas vezes, era esbanjado. São remédios da vida aplicados à raiz. É uma verdade comum o papel importantíssimo que a habitação tem na vida de qualquer cidadão.

Por isso, faz falta uma política oficial mais dinâmica e abrangente, de modo que vão desaparecendo as condições imundas em que a maioria da população vive. Sou testemu-

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Recebemos do assinante 42971, de Ovar: «Vinte euros para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, os mais necessitados, e os mais envergonhados».

Lourdes, de Cacém: «Como de costume, vão mais uns pósinhos (trinta euros) para os vossos Pobres. Peça que rezem, por mim, uma oração para que vá tendo um bocadinho de saúde. Confirmando admirar muito a força que têm para a vossa Conferência. Bem-hajam».

Vale a pena — em todo o sentido — de ser apenas a massa chegada para os mais Pobres...

A nossa gratidão para os Amigos que os servem.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

«ESCALADA» DO CONSELHO CENTRAL DO PORTO — «Formula a hipótese de que a marginalidade e/ou pobreza são hoje o resultado de conjugação de três vectores:

O vector económico: falta de casa, trabalho instável, recursos económicos escassos ou nulos, má gestão desses poucos recursos, endividamento...

O vector social, tem a ver com a esfera de relações da pessoa: com a inexistência de relações de apoio sadias, com a falta de formação, com a falta de pontos de referência, com inexistência de valores humanos básicos que, em determinados momentos, podem servir de suporte.

O vector vital, diz respeito à dimensão pessoal: ruptura da comunicação, ausência de expectativas, desânimo e enfraquecimento da confiança, da identidade, da auto-estima. O processo de marginalidade vai produzindo na pessoa uma certa deterioração e falta de capacidade para fazer uma leitura objectiva da realidade que a rodeia e para pôr em marcha mecanismos próprios que a ajudem a sair dela.

Segundo este ponto de vista, os aspectos pessoais, contextuais e relacionais desempenham um importante papel no campo da marginalidade. Daí que, na hora de intervir para lutar contra ela, seja necessário — nomeadamente a nós vicentinos — maior e melhor eficácia ao nível da competência relacional, evitando uma intervenção reducionista.

E, até, relativamente 'fácil', que nos levasse a, por exemplo, a actuar unicamente no campo económico. Sabemos que, intervindo apenas no primeiro vector, o económico, iríamos criar, mais ou menos inconscientemente, uma relação de dependência, não desejada por nós, mas real, que levaria a perpetuar as situações de acompanhamento.

Uma das características que definem muitas das situações de pobreza e de marginalidade é serem situações impostas, não desejadas, não podendo, portanto, ser modificadas unicamente por vontade do indivíduo. Torna-se, por isso, necessário um **companheiro de caminho** — qual Jesus no caminho de Emaús — para ajudar a 'ler' a situação, lutar contra as suas causas, e, assim, dignificar quem sofre a injus-

tiça de qualquer situação de exclusão, pobreza e marginalidade.

Permiti que me e vos interrogue sobre a qualidade do nosso acompanhamento? Temos contribuído para que o caminho leve verdadeiramente à meta pretendida ou, ao contrário, contribuímos para o prolongamento do caminho?».

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

VISITAS — No dia 3 de Fevereiro de 2007, tivemos outra visita, de um grupo de rapazes e raparigas do Avelar. Realizámos um jogo de futebol entre todos. Trouxeram também uma merenda, a qual partilhámos no final da tarde. Depois disso, foram-se embora. Agradecemos o carinho e a simpatia que nos dispensaram, bem como a merenda que partilharam conosco.

MATANÇA DUM PORCO — No dia 30 de Janeiro matámos um porco. Ajudámos a «esfolar» e a «desmanchar». Ele vai garantir-nos umas boas refeições.

UM CÃO CÁ EM CASA — A semana passada o Francisco Cotovio recebeu de prenda de aniversário um cão, de 4 meses de idade. Chama-se «Ofman», é preto com manchas castanhas. É «traçado» de «Rotweiler» com um cão rafeiro.

Todos nós tratamos do cão e gostamos muito dele.

A SAÍDA DO NOSSO PADRE JOÃO — Só há alguns dias é que tivemos a certeza que o nosso Padre João nos deixou e foi para Paço de Sousa, como Director da Obra da Rua.

Queremos deixar, aqui, o nosso sincero agradecimento por tudo o que ele fez por nós e pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, enquanto cá esteve. Desejamos também muitas felicidades nesta nova etapa da sua vida.

Ficamos a aguardar uma visita do nosso Padre João.

Gaiatos do Alternativo

Paço de Sousa

DESPORTO — Em 1952, Padre Marcelino da Conceição, escreveu um livro onde fala de Pai Américo e cujo título é: «E a culpada foi a bola». A certa altura, leio:

«— Já foi à Casa do Gaiato, a Paço de Sousa? — perguntou o Professor.

— Já, e tome nota: gostei de ver o campo de jogos! Veja como o Padre Américo é psicólogo: a Casa do Gaiato, sem a bola, (...) os gaiatos não parariam lá um dia. O futebol é para aqueles rapazes, tirados da rua, uma espécie de suadouro psicorgânico...

— Mas há quem o critique sob o ponto de vista educativo — volta o Amarílio.

— Sim, é natural — respondeu o Médico — porque é fácil criticar. (...)

É verdade! E a prova disso mesmo, foi-me dada neste jogo. Realmente



Malanje — «A Família é a escola natural da sólida formação do homem.»

não é fácil jogar contra equipas de velhas-guardas. No entanto, somos uma porta aberta a qualquer equipa, mesmo que eles façam do jogo uma «feira». Para eles, nunca nada está bem! — «É fácil criticar!»

Eu tinha feito um pedido aos nossos Rapazes, e eles fizeram-me a vontade: chegaram cedo ao campo e não alinharam na «confusão», o que contribuiu, e muito, para o resultado que, com golos de Ilídio (1) e Rogério (2) contra um do adversário, se fixou. Começámos por marcar primeiro. A U. D. Lagoas empatou pouco depois. Nesta altura, Rogério saltou do banco, para dar a volta ao resultado. Convém referir que o nosso primeiro golo foi apontado pelo Ilídio. Golo esse que, em qualquer estádio, punha os espectadores em pé!...

Uma semana depois, fomos a Louzada jogar com o Grupo de Jovens Maduros. Em campo relvado, voltámos a dar «show». Mesmo assim, houve quem ficasse mal na «fotografia». Não há dois jogos iguais! Alturas há, que ninguém lhes pode tocar... Ouvi dizer ao nosso capitão que: «Assim não! Eles cometem as faltas... e eu é que tenho que pedir desculpa». Quem me dera mais alguns assim! Não por causa do futebol em si, porque cada qual tem o seu lugar, mas pela postura exemplar que ele tem dentro das quatro linhas. Realmente «a culpa é da bola!...» Obrigá-os a mostrar aquilo que ainda são e o que ainda lhes vai faltando para poderem aguentar as calcadelas da vida. «Veja como o Padre Américo é psicólogo». A bola! O campo! E os feitos de cada um. Mas o mais grave de tudo isto, para mim, são aqueles que não querem a bola, para não terem que suportar as contrariedades.

No entanto, o adversário, com idades muito superiores às dos nossos Rapazes, também lá tinha um que, na altura em que invalidaram o que seria o nosso quarto golo, bem podia ter tido outras maneiras e não ser tão espalhafatoso!... Também estava dentro do campo, para mostrar o que valia... e o feitiço que tinha. O que a bola faz! Mesmo assim, e depois de

estarmos a perder por 1-0, conseguimos dar a volta ao resultado, com golos de Ilídio, «Bonga» e um belo «chapéu» de Ricardo Filipe.

Ricardo Filipe tem andado a surpreender-me pela positiva!

Alberto («Resende»)

Setúbal

CAMPO AGRÍCOLA — O nosso campo agrícola está cheio de cevada, para servir de alimento ao nosso gado. Estivemos, agora, a dar adubo, para ver se ela cresce mais.

O Filipe «da Lota» começou a tratar das árvores de fruto que plantámos recentemente, como macieiras e pessegueiros, dando-lhe química para matar a bicharada que as ia destruindo, fortificando-as, assim, para um crescimento saudável.

VACARIA — Na nossa vacaria vamos tendo alguns problemas com o nosso gado, mas, recentemente, tivemos uma vitela que pariu, mas teve problemas, pois, o vitelo morreu. O esforço feito foi tal que, agora, não se consegue levantar, tendo nós, assim, que a auxiliar, todos os dias, a levantar-se e a dar-lhe de comer.

Estes problemas ocorrem na nossa vacaria raramente, mas temos de saber lidar com eles.

ELEIÇÕES — Na nossa Casa, no princípio do ano passado, tivemos eleições para eleger o rapaz para tomar conta da Casa. Agora, no princípio deste ano, vamos ter as próximas eleições para chefe da Casa, e vamos lá ver quem vai suceder ao chefe que neste momento é o João Correia.

CASA DE FÉRIAS — Neste momento estamos com problemas na canalização dos esgotos da nossa casa de férias da Arrábida, pois este Verão vimos que rente ao muro da nossa

Casa, estava a sair água. Fomos ver e era água dos esgotos que estava a sair para a rua. A caixa de esgoto estava cheia e não sabíamos onde ia esvaziar. Tiveram que lá ir uns homens com uma cisterna, esvaziar a caixa.

Agora, no princípio deste ano, fomos ver o que se passava. Partimos a caixa e vimos que estava muito danificada devido aos anos que já tinha. Por isso, vamos ter que construir uma nova.

RAPAZ NOVO — Veio cá para Casa um rapaz chamado Ussumane, da Guiné-Bissau.

Gosta muito de jogar a bola. É um rapaz alegre, bom companheiro e amigo. Neste último tempo tem andado a levar as caixas da fruta e a aprender a estrumar as árvores com o «Lota» e o «Monchique». Gosta muito de cá estar e quer tirar um curso para ser jogador da bola.

Gualberto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em primeiro lugar queremos agradecer todas as vossas cartas e mensagens de força e coragem. Graças às vossas ajudas, as nossas finanças já estão mais equilibradas, pelo menos já podemos manter os nossos compromissos com aqueles a quem temos a responsabilidade de ajudar.

Quanto às famílias que temos a nosso cargo, algumas estão a passar um mau bocado, apesar do nosso apoio, as suas dificuldades são muitas, umas por falta de controlo, outras os encargos familiares são muitos, uma vez que têm muitos filhos, e como devem calcular, nos dias de hoje, é muito complicado, mas os confrades têm estado atentos.

Cartas

«Quanto mais leio O GAIATO, mais orgulho tenho em ser assinante. A nossa sociedade devia estar eternamente grata pela vossa Obra. Eu que a conheço há mais de 50 anos, vejo o que vós regeneras-te 'ao Lixo da Rua' que ninguém quer...

Conheço, pessoalmente, muitos gaiatos que estão bem na vida. (...) Lembrem-se das Bem-Aventuranças. (...) Também estamos a sofrer com a crise que o País atravessa, mas confio nas vossas orações...

Assinante 69503».

«Como penso que para todos os assinantes, o nosso Jornal é uma fonte de água viva que nos ajuda a meditar e a encontrarmo-nos com Jesus através dos irmãos mais carenciados. A sua leitura é momento de pôr constantemente a nova vida do dia-a-dia, em gestos e oportunidade de nos tornarmos mais próximos do 'Mestre Jesus'.

Foi opção, já de 7 ou 8 anos, transformar as montanhas de prendas que deliciosamente desembulhamos durante a noite de Natal (com a família toda reunida), em outras prendas muito mais generosas, significativas e amorosas em favor dos que nada têm, pouco têm, ou aqueles que nunca tiveram uma prenda, gesto de amor.

Assim, a partir daí o nosso subsídio de Natal é convertido em dádivas, para instituições que o distribuem por Portugal, ex-coló-

nias e mais algum país do mundo onde possa ser útil. Sentimo-nos muito mais a viver o Espírito do Menino Deus.

Este ano foi um Natal mais complicado, com algumas pequenas doenças pelo meio e com a doença grave (cancro) do meu marido. No entanto, pareceu-nos a todos que o 'Espírito do Amor' pairou de uma maneira especial sobre todos nós, família presente e ausente.

É o meu marido que costuma enviar o cheque para vós como dádi-

va e para assinatura d'O GAIATO.

Este ano calhou-me a mim e desculpem o atraso, mas é fruto de toda esta nossa vida. Vai mais pequeno porque estamos a viver dificuldades, mas, se Deus quiser, durante o ano vamos tentar compensar.

Assinante 65746».

«Passou mais um ano, e essa grande Casa continua (...) desde que o Fundador dessa Obra andou comigo ao colo, pude conhecê-lo o suficiente para compreender que os seus discípulos iriam segui-lo como ele merecia.

Assinante 36172».

Uma Boa Notícia

Continuação da página 1

«Para os jovens de todo o mundo, particularmente dos países ricos, a 'Empresa Social' pode constituir o desafio à criatividade, abrindo-lhes caminhos diferentes para actividades económicas que os aproximem da realização de um mundo mais perfeito — para o qual 'os Socialismos despertaram sonhos', infrutíferos — onde os Pobres, em áreas como a Saúde, a Educação e Formação Profissional, Serviços financeiros, Informação tecnológica, Energias renováveis..., encontrem respostas para os seus problemas cruciais. 'Um mundo que pertença aos homens, a todos os homens'».

O Doutor Yunus fala abundantemente deste sonho, mas não se fica a sonhar. Este mundo há-de ser obra de todos e a todos se há-de dar oportunidades para o efectivarem. Esta é a missão dos homens do nosso tempo. Missão possível, mas exigente da contenção de ambições pessoais, de projectos exclusivamente materiais desprovidos de alma, de humanismo.

Eis a proposta deste obreiro da Paz, a quem foi justamente reconhecido o mérito do Prémio Nobel.

Padre Carlos

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónimo, 100 euros.

«Aqui estou a enviar esta gotinha de água para ajudar um pouco a encher o vosso grande oceano, que são os nossos irmãos mais desfavorecidos e que vós tão bem sabeis visitar, ouvindo os seus queixumes, ajudando de tantas maneiras. Só Deus sabe o valor do Vicentino. Peço perdão por não ter essa coragem de dar-me aos outros como vós, tereis a vossa recompensa», Amiga M. Jesus, cheque de 50 euros.

Deolinda Morais, 100 euros. Assinante 33275, 150 euros.

«Muito agradecida pela vossa dedicação a pobres e idosos. Como sei pelo vosso jornal O GAIATO das vossas dificuldades, junto envio este cheque de 50 euros. É apenas uma gota de água nesse mar de preocupações, mas gosto de dividir o meu subsídio de Natal por cinco instituições semelhantes à vossa. É apenas um pouquinho a cada uma...», Assinante 22890.

Assinante 32517, cheque de 100 euros; assinante 6313, dois cheques; Amiga M. Rodrigues, cheque de 25 euros.

«Bem-haja pelo vosso trabalho», Amigos Bernardino e Flávia, cheque de 100 euros.

Amiga Isolina, dois cheques; Assinante 34788, 25 euros.

«Com as melhores saudações, bem-haja pela vossa total disponibilidade a favor daqueles que de veras precisam. Para eles, que são ajudados pela vossa Conferência, venho juntar cheque de 135 euros».

Amiga M. Borges, o seu donativo. Amiga, do Porto, 150 euros.

«Que S. Francisco vos ajude e dê coragem para não desanimarem», Amiga, de Fiães.

Amigo Gilberto Marques, quinhentos euros.

«Sou assinante do jornal O GAIATO e li o vosso apelo para ajudar nas muitas necessidades que essa Conferência tem, com vista ao auxílio dos irmãos mais carenciados». Vale de 50 euros.

«Com os meus cumprimentos, venho enviar um cheque de 100 euros, solicitando por uma familiar falecida — de nome Maria Inês — para as necessidades dessa Conferência, que parece serem bastantes, pedindo orações por alma dela».

Amiga Maria José.
«Saúde e Paz de Deus! Acompanho através do Famoso, jornal O GAIATO, todo o vosso maravilhoso trabalho a favor dos Pobres. Peço a Deus que vos ajude a nunca desfalecerdes e a confiar sempre n'Ele! Junto este pequeno cheque de 40 euros, para aplicar como e onde entenderdes». Amigo anónimo.

Assinante 28607, cheque de 40 euros. Amiga Cristina Pinto, cheque de 25 euros.

«Leio sempre com muita atenção os vossos artigos no Famoso e percebo que esta simples oferta é uma gota de água num oceano de necessidades. Porém, de muitas gotas é composto o mar! Que Deus vos revista de fé e perseverança no vosso apostolado».

Assinante 47518, cheque de 50 euros.

«Que o Menino Jesus inspire mais pessoas a partilhar», cheque de 20 euros.

Amiga Francelina, cheque de 50 euros.

«Fui vicentina, sei que custa não podermos ajudar todos aqueles que se aproximam de nós, mas não é possível». Amiga Basília, cheque de 25 euros.

Amiga Conceição, vale de 20 euros. Amiga Teresa, de Coimbra, um cheque. Amigo M. Pinheiro, 50 euros. Amiga Berta, 20 euros. Amigo Tarcísio, 50 euros. Amiga Maria Inês, 50 euros.

A todos os nossos Amigos um ano de 2007 cheio de saúde, paz e amor.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Benguela

É bom reflectir na maravilhosa Baía de Santo António. Desta vez, a tempestade de alegria passou por nós. Foi estímulo dum pai para com os seus filhos. O Padre Manuel falou, mais uma vez, com a nossa querida amiga Any, como é habitual, para nos emprestar a sua linda casa, onde costumam estar os deficientes físicos quando vão à praia.

Demorou algum tempo, mas como tínhamos provado o licor da felicidade, pelo amor de Deus, ficamos embriagados com a esperança que não engana. Foi assim que, mais tarde, ao faltar uma semana para o início do ano lectivo, se resolveu a questão que estava a preocupar o coração dos mais novos da nossa Casa. Recebemos as chaves da casa da praia, na Baía de Santo António, e lá se foi o primeiro grupo das crianças todas felizes.

Ficaram lá três dias e, depois, regressaram à sua maravilhosa Casa do Gaiato. A Teresa foi como a mãe que acompanhou os mais pequenos, juntamente com o César Daniel, como chefe do grupo, e o Domingos Leonardo, como cozinheiro.

Eu, Pedro Garcia fui como responsável do segundo grupo e também como cozinheiro, pois tenho jeito para a culinária. Acompanharam também o Manuel Adriano e o José Luís. Ficamos ali três dias e duas noites. Ao entardecer de sábado o nosso craque motorista Dilé veio buscar-nos. As crianças queriam ficar mais tempo na praia. Ficaram contentes, porque este passeio de três dias foi muito bom para nós. Rico, belo e orgulhoso passeio com muitas maravilhas, mas nenhuma delas é mais forte do que o Homem. Quem nos dera ter uma casa nossa de praia, onde pudéssemos estar à vontade. Temos esperança de que um dia há-de chegar. Precisamos de ajuda.

Pedro Garcia

Cantinho das Senhoras

Louvemos as nossas mães

Se na quadra natalícia alguém for apanhado a cortar pinheiro para a árvore de Natal, tem multa.

Se um homem a vir do campo, lhe saltar um coelho, e lhe atirar com um saco, tem multa.

Se um pescador for apanhado a pescar uns peixinhos que ainda não têm o tamanho de adultos, tem multa.

Se alguém for apanhado a destruir um ninho, tem multa.

Não se podem ter certas aves e animais em cativeiro porque é proibido. Há multas grandes para isso. Não se pode fazer a devastação da floresta, etc.

Para prevenir a extinção dos burros, os seus criadores recebem subsídio por cada cria que nasce. Tudo isto para a preservação das espécies: Aves, animais, plantas, árvores, etc.

Muito bem, porque o homem precisa saber respeitar o seu próprio mundo, fazê-lo crescer, desenvolver, enfim, torná-lo cada vez mais bonito, mais habitável. Está certo e merece louvor quem procura que se cumpram as regras.

Mas, afinal, para quem se quer tornar o mundo mais belo, mais habitável?... Para quem? Os futuros donos do mundo são as crianças.

— Então porque não as querem deixar nascer?

Louvemos as nossas mães que nos deixaram nascer!...

Agradecemos-lhes o que por nós fizeram para crescermos!...

Isaura (Setúbal)

DOCTRINA



Ouvintes fervorosos do Sermão da Montanha!

Se encastoasse muitas cartas neste número, a matizar? Tenho tantas! Recebo tantas, todos os dias! São desabafos. São necessidades do espírito. Revelações. Coisas escondidas no fundo das almas, trazidas à tona pela leitura d'O GAIATO. Pois que Deus me ajude.

«PARA um doente crónico, há longos anos entregue à esperança de uma cura que tarda, são as palavras do jornal que me dão alguma vida. Peço-lhe encarecidamente que me não falte com elas.»

MEU caro senhor, ponha as coisas no devido lugar. Olhe que as palavras não são do jornal. Não são minhas. Se o fossem, valiam tanto como eu. Por muitos modos e de muitas maneiras fala Deus às almas. Ora aqui tem.

DIZ este leitor, doente como é e doente de há um ror de tempo, diz ele que são as palavras do jornal que lhe dão alguma vida. É que já a tem. Não dão; aumentam. Mais. Este senhor saboreia porque vive. Pede encarecidamente, porque vive divinamente. «Bem-aventurados os que têm fome e sede de santidade.» Todos quantos gostam da leitura do jornal são ouvintes fervorosos do Sermão da Montanha!

QUE vamos dizer da multidão dos indiferentes; dos que não querem ler; dos que afastam os vendedores com palavras indecorosas? Na venda passada, o «Elvas» pôs os olhos no chão corado de vergonha: «Um senhor disse uma coisa!» Sim. Que vamos nós dizer destes? Eles são a maioria! Não dizemos. Não afirmamos. Não condenamos. Basta-lhes a sua infelicidade. Não vivem; arrastam o tempo.

D. Amén. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Praticando o Bem

Doce convite do Hélio

VÁRIAS vezes o Hélio me fez um doce convite: — «Não quer ir comigo, aos Pobres?»

Dirigia-se-me em forma negativa, talvez, por sentir o meu apetite de o acompanhar, em caminhos de tanta nobreza e sabedoria!...

O rapaz preparou quarenta sacos de mercearia e outros tantos de pão, uma larga caixa de brinquedos e um grande molho de pais natal em chocolate, e, com o Jaime, carregou tudo para uma das carrinhas da Casa do Gaiato, e lá vamos nós direitinhos à cidade, logo a seguir ao almoço.

Um sol esbranquiçado ajudava o vento gélido do norte a arrefecer-nos teimosamente a alma, mas o amor tudo vence. Ele ardia dentro de nós.

A nossa primeira paragem deu-se num pequeno bairro de barracas muito bem escondido, logo à entrada de Setúbal, implantado em U, como um condomínio fechado.

Mais de doze famílias africanas ali se aninham, em condições semelhantes às das cubatas do interior do seu país de origem,

mas sem o desafogo e a temperatura que o clima de lá lhes proporcionavam. Aqui o frio regelava os ossos.

Dois crianças brincavam no pátio, onde um baixo rego, ao meio, levava os esgotos do aglomerado. Foram logo acarinhadas pelo Hélio com brinquedos e um pai natal a cada uma.

De uma das barracas sai um homem novo e logo o meu companheiro se apressa a informar que somos da Casa do Gaiato e vimos trazer ajuda a algumas famílias mais carentes.

O Hélio apresentou-me, para o sossegar, consciente que, por ali, toda a gente tem medo e, segundo o desabafo, do meu entrevistado, com alguma razão.

Alguns por terem canudo e capacidade de escrever, julgam tudo saber e tudo solucionar!...

Sempre foi fácil falar ou escrever acerca dos outros quando os problemas lhes são alheios, e então quando estamos bem instalados, a sabedoria é a rodos!...

Não importa que os Pobres venham a sofrer. É preciso é fazer figura!... e... negócio!...

Hélio conhece bem o terreno. Bate à porta das barracas que ele sabe terem mais necessidades, ou porque estão doentes, ou porque têm mais filhos, estão sem trabalho, ou ainda porque são deficientes.

Apontou-me um pequeno estendal de roupa interior a enxugar à porta de uma barraca:

— *Sabe o que isto quer dizer?*

Olhei-o à espera da sua explicação que não tardou:

— *Quer dizer que está gente em casa. Foi o senhor Padre Horácio que me ensinou.*

Estremeci com uma lembrança tão cara para mim, expressa num sorriso de radiosa satisfação, como quem lembra a memória mais doce da sua vida!... Sim, a recordação do Padre Horácio, nos últimos tempos de vida, ficou mais ligada às suas andanças pelos Pobres. O Jaime ajudava e aprendia.

Corremos a parte alta da cidade.

O meu guia conhece de cor (do coração) os cantos e quelhas de Setúbal. Fomos à Terrôa, Bela Vista, Santos Nicolau e a um outro bairro, onde se encontra sedeada a Junta de Freguesia de S. Sebastião, cujo nome não me ocorre.

O ritual repetia-se em todas as moradas. Hélio batia à porta uma, duas ou mais vezes, até que alguém lhe falasse ou o pressentisse. Então gritava:

— *Somos da Casa do Gaiato!*

Em parte nenhuma do mundo soa tão bem este nome «Casa do Gaiato» como no meio dos Pobres. Somos deles!...

Aberta a porta, gritava de novo com um sorriso de simpatia admirável:

— *Sou eu, o Hélio da Casa do Gaiato.*

Os cumprimentos manifestavam carinho e simpatia de parte a parte:

— *Trago-lhes mercearia, pão e um pai natal atrasado* — dizia ele de alma aberta, deixando-me inebriado da ternura dada aos seus visitados.

Se havia alguém doente na cama, os cuidados redobravam. Tínhamos de ir ao quarto, saber do que sofria, há quantos dias estava deitado e se estava melhor, etc.

Preveniui-se ainda com umas vinte mantas e, onde lhe parecia haver frio, dava uma delas.

Encontrámos uma senhora deitada no leito, sobre um colchão sujíssimo, a tremer de frio, sem qualquer lençol, com dois cobertores sobre o seu corpo vestido.

Este meu filho desdobrou a manta sobre a pobre mulher, com um ar de quem o fazia à própria mãe!...

Estacionávamos o carro e fomos a casa de duas ou três famílias. Andávamos um pouco e visitávamos outras. Neste intervalo, enquanto conduzia, descrevia-me o drama de cada família ajudada.

Eu vivi a sensação de quem faz uma VIA SACRA.

É impossível narrar todo o gozo espiritual e humano, bem como as lições que o Hélio me deu naquela tarde, mas ele deixou para última a visita a um paraplégico que vive só, numa pequena e muito fria garagem, sem água, sem casa de banho, sem nada, tendo como única companhia uma rafeira cadelinha.

Não sente nada da cintura para baixo. Para as necessidades fisiológicas vai ao campo, deslocando-se num pequeno triciclo motorizado. Usa barba e lê a Bíblia.

Muito gostou o meu companheiro de falar com ele!...

Pareceu-me o encontro de dois amigos que há muito se não viam, tal a alegria que dos dois emanava.

Uma tarde de catequese para todos quantos beneficiamos destas cenas desgraçadas dos dias de hoje.

Pôr os rapazes a distribuir aos Pobres os bens que nos sobram, é o melhor complemento da sua formação humana e cristã.

Fiquei a conhecer mais uma das razões porque o Hélio é um rapaz tão completo.

Padre Acílio

Setúbal

Cegos a dirigir políticas sociais e de juventude

O André é um dos nossos rapazes já crescidos. Não é dos mais velhos, mas assume entre nós um lugar de responsabilidade. Também nas nossas Oficinas, aprende a arte de carpintaria e fá-lo com empenho e disponibilidade.

Ultimamente tem ido fazer trabalhos ao escritório de pessoa amiga. Algumas vezes vai e vem pelo seu pé ao centro da cidade, fazendo avançar o trabalho que nos foi entregue.

Uma surpresa, nada condizente com a seriedade deste rapaz, o aguardava quando regressava, há dias, do cumprimento das suas tarefas. Em rua pouco movimentada, foi interceptado por um grupo de jovens encapuçados, com idades aproximadas à sua, manietado e ameaçado com uma faca, para que lhes desse tudo o que de valor levava consigo.

Reagiu e tudo fez para defender o pouco que trazia e lhe pertencia.

Com a arma dos assaltantes apontada ao pescoço e preso de braços, teve de deixar que os outros lhe retirassem dos bolsos meia dúzia de euros e um telemóvel que trazia. A este, por o acharem desprezível, atiraram-no ao chão, destruindo-lhe a capa.

À entrada da rua, um outro que espiava os movimentos dos transeuntes, deu sinal ao grupo e todos

rapidamente se puseram em fuga, deixando o André tristíssimo e ainda aflito com o sucedido.

No dia seguinte chamei o André e ofereci-lhe um telemóvel que tínhamos disponível, para substituir o seu que fora semi-destruído. Que não, pois com 3 euros compraria uma capa nova, já que o pequeno aparelho não ficara avariado.

Reposto o valor em que fora roubado, ficou o André mais animado e, estou convencido, com vontade para prosseguir na mesma linha, de seriedade e dedicação.

Acontecimentos como este, que se verificam diariamente nesta cidade e todos os dias se multiplicam, fazem-nos sentir a impor-

tância do nosso trabalho e dedicação aos rapazes da rua.

Aos rapazes como o André, que não tiveram uma família que os acolhesse e que para eles vivesse, resta o caminho da delinquência, droga e roubo, em vez de uma vida construída com alicerces humanos e fraternos.

Assim fez aquele grupo de jovens, já com um desenvolvimento sem retorno, a não ser que lhes aconteça um milagre.

Esta evidência que a vida apresenta, só não a vê quem não quer. Infelizmente, há muitos cegos a dirigir as políticas sociais para a juventude, insistindo em impor padrões de vida desligados da verdade do homem e do bem comum.

Padre Júlio



Os vitelos são motivo de alegria para os nossos rapazes.

Benguela

Continuação da página 1

temunha, ao entrar em muitas cubatas, da ânsia que consome pais e mães por uma casinha onde filhos e filhas pudessem ter o seu cantinho separado. A promiscuidade gera muitos vícios e desgraças familiares que se reflectem na forma de viver sem respeito pela dignidade de cada um. Muitas crianças que vivem na rua são fruto deste ambiente.

Quem me dera ter meios para ajudar mais! Todos os dias batem à nossa porta a pedir cimento e outros materiais. É bom sinal! Têm desejo de viver melhor. Não são felizes no meio da miséria. Está dado um passo importante. Falta a mão para agarrar a outra mão e puxarem juntas para cima. Haverá gesto mais bonito e elevado do que dar as mãos vivas com o sangue a jorrar do coração?

Juntai-vos! Ontem, quase ao fim da manhã, uma lista de dez meninos poisou nas minhas mãos, em frente dos meus olhos. Todos são abandonados. Que fazer? Já começou a gestação deles na minha mente e no meu coração. Vais ficar indiferente? Darei mais notícias no próximo encontro.

Um abraço de todos nós.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

A mil metros de altura, a Pobreza não perde nada dos dotes divinamente aliciantes. Fôssemos nós uma Obra rica, quem é que nos via?! Que os meus sucessores ponham aqui os seus olhos e saibam que só enriquecem as almas naquela medida em que amarem a Pobreza. O Mundo não acredita na inenarrável riqueza da Pobreza Evangélica; não acredita!

PAI AMÉRICO